

A CONCRETIZAÇÃO DA IDENTIDADE DE UMA ESCOLA DO CAMPO POR MEIO DE UM "MURAL CERÂMICO EM MOSAICO"

Eliane do Prado[1]

Círculo de Saber 03: Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Resumo: O trabalho que originou este artigo foi desenvolvido na escola de Educação Básica "Trinta de Outubro", localizada no Assentamento Rio dos Patos, município de Lebon Régis–SC, no ano de 2023. O principal objetivo do "Mural cerâmico em Mosaico" foi materializar a identidade da escola segundo as diretrizes da Educação do Campo. Já este artigo traz como objetivo socializar a experiência coletiva desenvolvida no espaço da escola citada desde a coleta da argila in natura, seu beneficiamento, modelagem, queima e montagem do mural. Através dessa arte, foi possível transformar discussões, música, teatro, literatura, lembranças e causos (da Guerra do Contestado ou das ocupações da terra) em imagens as quais, mesmo com um olhar rápido, desde a pessoa letrada até à quem foi negado o direito de ler, possa ter compreensão da simbologia que o mural traz. Mosaico porque cada pessoa da comunidade escolar registrou em um pedacinho de argila algo significativo para si e coletivo porque do início à conclusão do trabalho teve a participação das mãos de inúmeras pessoas. O mural, localizado na entrada da escola, dá as boas-vindas a quem chega e de imediato, mostra as raízes históricas das pessoas que lutaram, inclusive pela criação da escola citada.

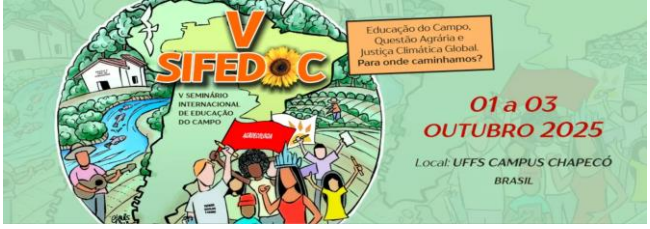
Palavras-chave: Contestado; Reforma Agrária Popular; Educação do campo.

Introdução

A trajetória da educação no Brasil é marcada por profundas desigualdades, conflitos de poder e resistência. Ao longo dos anos, diversas abordagens educacionais foram implementadas nas áreas rurais, frequentemente refletindo os interesses de grupos hegemônicos e desconsiderando as identidades e conhecimentos das comunidades camponesas.

Nesse cenário, o tema sobre a diferença entre Educação Rural e Educação do Campo mostra que vai além de uma simples questão de nomenclatura; ela expõe visões de mundo opostas. Esse problema se mostra na prática quando a cultura local e as memórias de um determinado grupo social não é valorizada. Enquanto a primeira é associada a práticas autoritárias e paternalistas, ligadas ao coronelismo e à

[1] Doutoranda em Educação – UFPR | Professora EEB Trinta de Outubro | bolsista da rede estadual de educação de Santa Catarina – SED/FUMDES. pradoeliane20@gmail.com



assistência, a segunda emerge como um projeto político-pedagógico fundamentado nas lutas sociais, na valorização da diversidade cultural e na busca por equidade social nas áreas do campo.

Este artigo não tem a intenção de abordar todas as nuances teóricas sobre o assunto, mas objetiva ilustrar e socializar, por meio de uma vivência real, de que maneira a Educação do Campo se revela em ações práticas e ajuda a fortalecer as identidades locais, a memória coletiva e a dignidade do povo camponês.

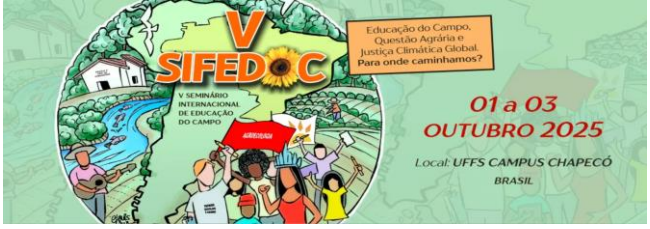
Defende-se que a troca de experiências entre grupos fortalece os objetivos e ideais em comum, o que justifica a escrita deste trabalho para o meio acadêmico sobre o Mural Cerâmico em Mosaico, sua simbologia e importância para gerações. Para exemplificar, será utilizada a experiência da Escola Trinta de Outubro, mostrando cada etapa até a conclusão e com isso, como a educação pode contribuir para a emancipação, valorização cultural, das memórias e resistência popular camponesa.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos são baseados no relato de experiência. Foca na descrição detalhada do processo e das etapas, de um trabalho coletivo escolar reflexivo cujo objetivo é compartilhar aprendizados e instigar reflexões. Apresenta em seu decorrer a contextualização da experiência, assim como a exposição dos resultados obtidos, passo a passo e uma breve discussão com base em referenciais teóricos como FREIRE (2015) e as relações entre cultura, identidade e emancipação, THOMÉ (2005) e a discriminação e disparidade social na região do Contestado, dentre outros não menos importantes, não podendo deixar de lado o Projeto Político Pedagógico (PPP) escolar, Caderno de Educação do MST (2002) e Dossiê MST escola (2005) e as orientações para uma escola do campo em oposição a escola rural.

Escola Rural ou Escola do Campo?

Esse é um assunto amplo que neste espaço não será possível aprofundar da forma que o tema merece, mas possibilita conceituar os termos para que a partir disso seja possível compreendê-lo. Nesse sentido, alinhando-se aos princípios citados, juntamente com os princípios educativos elencados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST, 2005, p.160-164), a EEB 30 de Outubro, tem como princípio filosófico a

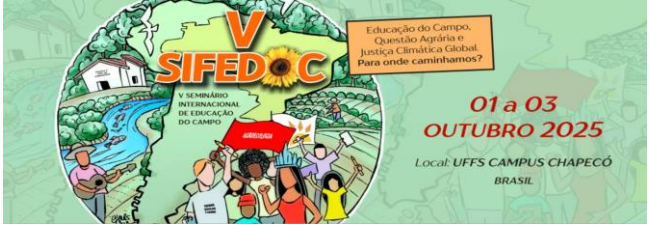


> Educação para transformação social: Este é o horizonte que define o caráter da educação na escola e no MST, um processo pedagógico que se assume como político, ou seja, que se vincula organicamente com os processos sociais que visam a transformação da sociedade atual, e a construção, desde já, de uma nova ordem social, cujos pilares principais sejam, a justiça social, a radicalidade democrática, e os valores humanistas e socialistas (PPP - 2023, p.04).

A distinção entre Educação do Campo e Educação Rural transcende uma mera análise semântica, especialmente no contexto brasileiro e latino-americano, onde as desigualdades fundiárias são exacerbadas. A Educação Rural, que brota de uma perspectiva paternalista, tem como base a ideia de que o coronel, figura central nesse sistema, estabelece instituições educacionais rudimentares para ensinar os filhos dos trabalhadores rurais em suas propriedades. Historicamente, essa dinâmica assegurou a perpetuação de relações de dominação, onde os camponeses se viam presos a um ciclo de subserviência, atrelando-se à figura do coronel que, paradoxalmente, dependia da mão de obra dos trabalhadores. Essa realidade foi acentuada durante o regime militar, que introduziu um enfoque produtivista na educação rural, moldando-a para atender às demandas do agronegócio e priorizando a eficiência na produção em detrimento das nuances culturais e sociais presentes no campo.

Em contrapartida, a Educação do Campo, emergiu como um contraponto à abordagem anterior, busca abarcar a diversidade das experiências e identidades que caracterizam os territórios rurais, integrando dimensões como cultura, religiosidade e as línguas de povos originários. Reconhecendo que esses espaços não devem ser redutíveis à lógica produtiva. A Educação do Campo promove um desenvolvimento que valoriza e preserva saberes e práticas tradicionais, incluindo agroecologia e práticas quilombolas e indígenas. A formalização do termo "Educação do Campo" pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em 1997, no contexto de encontros dedicados à Reforma Agrária, foi um marco que contribuiu para a legitimação acadêmica desta abordagem educacional, propiciando a criação de disciplinas que refletem as especificidades dos movimentos sociais camponeses e de suas lutas.

A Educação do Campo é um dos principais pilares de luta de todos os povos do campo, sejam camponeses, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores,



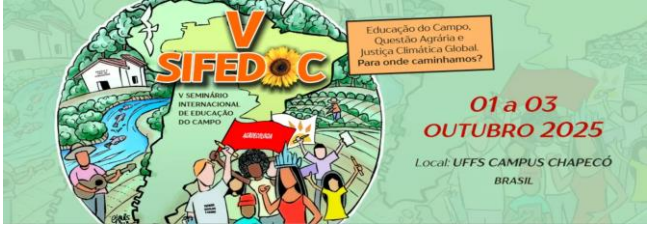
porque sem uma Educação do Campo de qualidade, torna-se impossível a vida no campo. Sem a escola, nos moldes daquela comunidade, com valorização da cultura local e incentivo para a permanência no campo, as futuras gerações, seja de camponeses, indígenas, quilombola, pescadores, ribeirinhos, tendem a abandonar o território. Portanto, a Educação do Campo é essencial para a perpetuação da vida no campo.

> Discutir, porém, a questão da identidade dos sujeitos da educação, educadores e educandos, me parece que implica desde o começo de tal exercício, salientar que, no fundo, a identidade cultural, expressão cada vez mais usada por nós, não pode pretender exaurir a totalidade da significação do fenômeno cujo conceito é identidade (Freire, 2015, p. 63).

A Educação do Campo foi criada na perspectiva de luta dos movimentos sociais, das comunidades rurais, dos territórios rurais, dos pequenos agricultores, dos ribeirinhos, dos indígenas e dos quilombolas. É outro viés, quando em determinado território os trabalhadores, organizados, vão exigir do estado um direito, o qual é o direito de ter uma educação de qualidade. A luta pela Escola do Campo é permanente, principalmente contra o fechamento. As justificativas variam segundo o (des)governo. Não consideram que ao sair do campo, a população se aloja nas cidades, inchando as periferias, agravando mais ainda a pobreza, o desemprego e as desigualdades sociais.

O contestado, a Reforma Agrária e a escola “Trinta de Outubro”

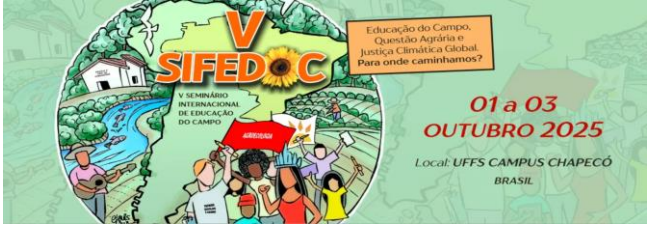
O município de Lebon Régis-SC, aludido como Coração do Contestado, é marcado por suas marcas deixadas pela Guerra do Contestado (1912-1916), um conflito que envolveu disputas territoriais entre Paraná e Santa Catarina, refletindo a luta de caboclos, coronéis, militares e civis. A população local, herdeira de uma rica mistura étnica resultante da intersecção de indígenas, brancos e negros, caracteriza-se por uma cultura de trabalho duro e hospitalidade, embora também consista em uma presença significativa de analfabetismo, conforme apontado por Prado (2018).



A economia é predominantemente agrícola, com a transmissão de saberes ocorrendo, majoritariamente, por meio da oralidade. Nos assentamentos de Reforma Agrária, observa-se uma diversidade cultural influenciada por múltiplas etnias, resultado de uma dinâmica de acampamentos e assentamentos que propiciaram trocas culturais. Destaca-se a importância do reconhecimento dessas identidades e diferenças no contexto público, compreendendo as implicações políticas desse reconhecimento. O resgate da cultura cabocla, frequentemente marginalizada e considerada inferior em relação à cultura europeia, é essencial para restituir a dignidade e os direitos culturais desse povo que, por longos períodos, foi silenciado. Portanto, abordar a Guerra do Contestado e a cultura cabocla não visa preponderância de uma cultura sobre outra, mas sim a reivindicação de voz e espaço para uma comunidade historicamente oprimida.

Assim, ignoradas questões de ordem social, política e econômica, o movimento do Contestado foi lançado na história oficial a partir do pensamento das elites intelectuais dominantes, que apenas retrata um modo de pensar “branco”, a visão dos militares e o coronelismo da época. Esta mesma linha de pensamento teve sequência na História pelos oficiais do Exército Brasileiro que escreveram sobre o conflito. A imagem de um caboclo inculto, selvagem, bárbaro, fanático, desamparado, analfabeto, bandido, criminoso, bandoleiro, terminologia de presença constante na imprensa, quase que simultaneamente passou para as obras dos oficiais do Exército (Thomé, 2005, p. 21).

Os conteúdos educacionais são socialmente construídos e refletem interesses e posições políticas distintas, influenciando a abordagem de temas como a história do Brasil, que pode ser interpretada tanto pelos grupos hegemônicos quanto pelos marginalizados. A Escola Trinta de Outubro, situada no campo, atrai famílias urbanas que buscam preservar saberes ancestrais por meio de projetos interdisciplinares, os quais visam respeitar e valorizar conhecimentos tradicionais, como o cultivo de plantas medicinais e expressões artísticas históricas. A instituição está intrinsecamente relacionada à luta por reforma agrária, estabelecendo sua identidade na data de um assentamento histórico. A resistência enfrentada por novos moradores diante do contexto agrário reflete as consequências de disputas de terra



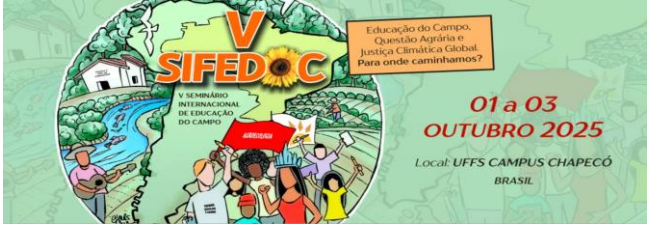
que remontam ao século XX. Assim, a escola integra a reflexão sobre desigualdades sociais em seu currículo, utilizando a arte como meio de expressão significativa, promovendo uma conscientização acerca dos direitos dos cidadãos.

A cerâmica na concretização de uma história

O contato da Escola de Educação Básica Trinta de Outubro com a arte cerâmica foi catalisado por uma professora, autora deste artigo, que se formou na "Especialização em Arte no Campo" da Udesc (Universidade do estado de Santa Catarina) entre 2012 e 2014. Este curso visava o entrecruzamento entre a arte e a vida no campo, fornecendo ferramentas para a formação de educadores e artistas em regiões de assentamentos agrários, fruto de uma parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). A proposta educacional tinha como foco o fortalecimento da cultura local, utilizando a arte como um instrumento de promoção da identidade camponesa e do desenvolvimento socioeconômico, abarcando diversas expressões artísticas.

Em decorrência dos ensinamentos do curso houve grande estímulo à criação de um mural cerâmico na escola, um projeto que buscava registrar a história de um grupo social de maneira inovadora. O mural almejava não apenas adornar a escola, mas funcionar como um elemento pedagógico para alunos e comunidade a partir do envolvimento de todos os segmentos educacionais, desde o ensino fundamental até o ensino médio.

Na articulação do projeto, a metodologia interdisciplinar foi fundamental, permitindo que o conhecimento fosse construído a partir das relações dos educandos com o seu contexto, cultura e realidade. A pedagogia inspirada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) enfatiza a apropriação e produção do saber como processos que devem estar intrinsecamente ligados ao cotidiano da



comunidade escolar. A experiência com a ceramista Glória Letícia Alvarez[2], que proporcionou uma palestra inicial, foi crucial para elucidar dúvidas surgidas ao longo das diferentes etapas do projeto. O processo começou pela coleta da argila, inicialmente prevista para ser retirada do terreno da escola, mas que, devido às condições climáticas, teve que ser buscada em uma rodovia próxima. Essa parte do processo destacou a importância da identificação das fontes de argila e a forma adequada para seu armazenamento, visando conservar a umidade e facilitar o manuseio.

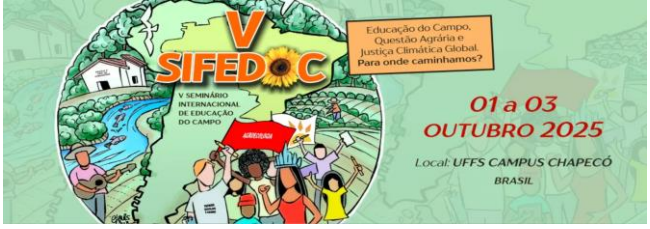
A execução das atividades seguintes envolveu a preparação e o beneficiamento da argila, que incluíram a moagem, peneiração e mistura com bentonita, uma argila adicional que ajuda a evitar a fragilidade das peças. Essa etapa da atividade foi predominantemente realizada por estudantes do ensino médio, visto exigir um esforço muscular. Em sequência, os alunos moldaram a argila em placas, cuja decoração foi baseada no trabalho desenvolvido pela escola para a preservação de sua identidade e na história da comunidade, suas raízes e seus costumes utilizando ferramentas manuais, predominantemente de taquara (espécie de bambu da região).

Uma das escolhas mais simbólicas foi deixar as crianças menores desenharem o contorno de suas mãos, simbolizando a construção do futuro da escola. Após o processo de secagem e queima das placas, que demandou muito tempo devido à abundância de obras, começava a formação do mural, cuja montagem e posicionamento na entrada da escola serviria e serve para que todos os visitantes possam contemplar a mensagem visual e cultural que ele representa.

Em última análise, o mural cerâmico se consolidou como um símbolo da luta por justiça social e reforma agrária, servindo para articular a história da luta pela terra no contexto educacional e cultural da escola. Cada lajota do mural carrega um desenho e uma narrativa única que se tornou um testemunho do coletivo, transcendendo o espaço físico da escola para abranger toda a comunidade.

---

[2] http://lattes.cnpq.br/2233029524890584 País de Nacionalidade Uruguai



A criança cabocla, representada na foto, logo abaixo do mural, embora composta por fragmentos e ajuntada novamente, expõe um ponto de aprendizado sobre a importância da coletividade na educação e na luta pelos direitos à terra e a dignidade, representando a esperança de que a história da resistência e da cultura local continue a ser contada e vivenciada nas futuras gerações.

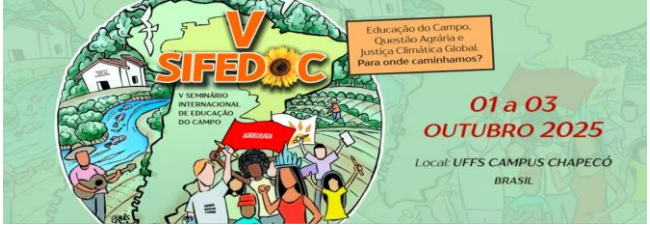
Mural Cerâmico em Mosaico





Fonte: Acervo pessoal

As fotos procuram aproximar cada imagem a fim de captar os detalhes que integram o mural cerâmico em mosaico, tanto na subjetividade de cada lajota, quanto na composição final que retrata muitas histórias e perspectivas dessa Escola do Campo que não possui cercas ou muros e simboliza o que almejamos para todos:



educação de qualidade, considerando a cultura, os direitos e as particularidades locais.

Conclusão

Os resultados demonstraram que o mural atrai a atenção dos alunos, que frequentemente discutem seu conteúdo, evidenciando um estímulo à reflexão e criatividade. Esse processo não apenas preservou conhecimentos para futuras gerações, mas também enriqueceu a cultura local por meio do intercâmbio com fontes literárias e relatos orais. Entretanto, desafios como o financiamento e a demanda de tempo dos professores foram identificados, indicando que, apesar dos efeitos positivos do projeto, sua implementação requer uma avaliação cuidadosa das dificuldades enfrentadas. Além disso, a análise das amostras de argila, coletadas por alunos, revelou uma coloração predominantemente vermelha após a queima, atribuída à alta concentração de óxido de ferro nos solos da região, o que foi confirmado por meio de testes que mesmo com a adição de óxidos de outras cores resultaram apenas em ligeiras variações de tonalidade.

Referências bibliográficas

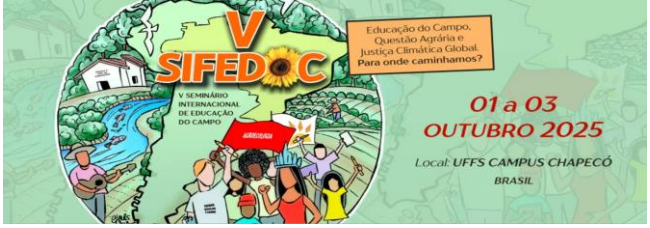
BOROWICC, Roseli. **Seleção, uso e produção de recursos didáticos por professoras Alfabetizadoras: estudo etnográfico em escolas de Assentamentos**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná-UFPR, Curitiba, 2020.

EEB 30 DE OUTUBRO. **PPP – Projeto Político-Pedagógico**, 2023.

Freire, Paulo. **Professor Sim, Tia Não! cartas a quem ousa ensinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MST. **Caderno de Educação nº 4**. Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. Por uma educação do campo. 2. ed. Brasília, DF, 2002.

MST. **Dossiê MST Escola**. Documentos e estudos 1990-2001. Curitiba: Iterra e Secretaria do Estado de Educação do Paraná, 2005.



PRADO, Eliane do. **A formação de leitores dos anos finais do Ensino Fundamental: contribuições das Artes Visuais**. 2018.141. Dissertação (Mestrado Em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria do Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica /Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação, 2014.

THOMÉ, Nilson. **Breve história da Guerra do Contestado**. UnC Campus Caçador, 2005.